



“Toda ação humana, quer se torne positiva ou negativa, precisa depender de motivação.”

Dalai Lama

Carlos Vieira/CB



Ações judiciais e decretos: a reação dos estados ao teto de ICMS dos combustíveis

No caso do Distrito Federal, que terá uma perda de arrecadação este ano de R\$ 800 milhões, a equipe econômica já tem pronto o decreto de contingenciamento de 15% do orçamento de 2022. A medida é a forma de ajustar a diferença entre receita e gastos públicos. O governador Ibaneis Rocha vai assinar o documento assim que a lei aprovada no Congresso for sancionada. Outros estados, como Alagoas, São Paulo, Ceará e Pernambuco, decidiram que vão judicializar a questão. Já estão com as ações engatilhadas para questionar a constitucionalidade da lei que define teto de 17% para o ICMS de combustíveis.

Conpeg

O DF ainda não decidiu se vai recorrer ao Judiciário. Os estados poderão entrar com ações individuais ou fazer uma contraofensiva conjunta, por meio do Colégio Nacional de Procuradores-Gerais dos Estados (Conpeg). Uma das alegações será a quebra do pacto federativo.

Rejeição à emenda

O PLP 18/2022 voltou do Senado para a Câmara dos Deputados. O presidente da Casa, Arthur Lira, trabalhou contra a emenda do Senado que tenta compensar os efeitos do projeto para os pisos em saúde e educação nos entes subnacionais. Segue a tese de que não há disponibilidade financeira da União no limite do teto. Para que a compensação seja extrateto, deveria ser alterado antes normas constitucionais.

Fibra apoia premiação para imprensa

A Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra) é uma das entidades que apoia o 17º Prêmio Engenharia de Comunicação. A iniciativa da jornalista Katia Cubel é um reconhecimento ao trabalho dos jornalistas do mais diversos veículos de comunicação da capital federal. Na noite de segunda-feira, na sede do Conselho Federal da OAB, foram anunciados os finalistas da premiação. Os vencedores serão conhecidos em agosto. A editora-chefe do **Correio Braziliense**, Ana Dubeux, foi eleita, pela comissão julgadora, a jornalista do ano. O presidente da Fibra, Jamal Bittar, esteve no jantar que reuniu diversos profissionais em apoio à imprensa livre.



Divulgação



Jhonatan Vieira/ESP, CB/D.A. Press

Falta de medicamentos

As farmácias e drogarias do país estão com estoques desfalcados. Há escassez de uma série de medicamentos. O desabastecimento chega a 23 tipos de remédios. Por falta de insumos, a indústria farmacêutica não está conseguindo atender a demanda, que aumentou muito devido à onda de gripe e novo pico de covid-19.

Efeito dominó

“É um efeito dominó que começou em dezembro passado com a ômicron. Não podemos dizer que a indústria parou. Mas ela não está conseguindo entregar a quantidade devida para atender o grande aumento de demanda”, explicou o CEO da Abrafarma, Sérgio Mena Barreto.



Divulgação

Lockdown na China

A situação é consequência ainda da pandemia que paralisou a indústria na China — grande fornecedora mundial de insumos — devido ao rigoroso lockdown. Navios estão parados em portos.

Lista de remédios escassos:

Allegra D, Allegra Pediátrico, Amoxilina, Avamys, Benalet, Bisolvan spray adulto, Busonid Nasal, Celestamine, Citoneurim, Clavulin, Comtan, Corisrina D, Desposterol, Desolex xarope, Flixotide spray, Novalgina, Nasonex spray, Klaricid, Rehidrate, Rinosor, Seki xarope, Venvanse.

OAB-DF firma convênio de saúde com Sírio-Libanês

A Caixa de Assistência dos Advogados do Distrito Federal (CAA-DF), a Ordem dos Advogados do Brasil no DF (OAB-DF) e o Hospital Sírio-Libanês firmaram parceria em assistência de saúde para os cerca de 50 mil advogados inscritos e mais de 100 mil dependentes em Brasília. Médicos do Sírio vão atender na clínica

PreCAaver, que funciona na sede da CAA-DF. Também poderão ser atendidos nas dependências do hospital em Brasília. O benefício estará disponível a partir das modalidades Ouro e Liberty, cuja mensalidade é a partir de R\$ 300, de acordo com a faixa etária. A nova parceria permite ainda acesso à plataforma de telemedicina.

7 bilhões de unidades

É a produção anual de medicamentos no Brasil

70%

Foi o aumento de demanda por antigripais em janeiro

SOCIEDADE / Maior concentração dos que vivem nessa situação, de acordo com dados da Codeplan, está no Plano Piloto, São Sebastião, Ceilândia e Taguatinga. Mais de 70% se autodeclararam pardos ou pretos

Quase 3 mil pessoas nas ruas

» JÚLIA ELEUTÉRIO

Fotos:Ed Alves/CB/D.A. Press



Roberto Cosme, 39 anos, está na rua há mais de dez anos e vive com a companheira, Cássia, 41. Ornei dos Santos, 60, não lembra há quanto tempo está nessa situação

Perfil dos moradores de rua no DF

Onde está a maior concentração

Localidade	Número de pessoas	Porcentagem
Plano Piloto	728 pessoas	(24,8%)
São Sebastião	385 pessoas	(13,1%)
Ceilândia	370 pessoas	(12,6%)
Taguatinga	351 pessoas	(11,9%)

Orientação sexual*

Heterossexuais	92,7%
Gays	1,9%
Lésbicas	1,7%

Sexo

Masculino	2.375 (80,7%)
Feminino	563 (19,3%)

*Universo de 1.767 entrevistados

Idade

31 a 49 anos	(47,2%)
18 a 30 anos	(22%)
50 a 59 anos	(13%)
60 anos ou mais	(6,4%)

Raça/cor*

Pardos	50,4%
Pretos	20,7%
Branços	14,7%
Indígenas	11,6%

por viverem na rua e 17,4% relataram sofrer violência física. “A gente percebeu na pesquisa que a principal questão das pessoas é o medo de serem violentadas, medo de qualquer tipo de violência, então é uma população muito vulnerável”, explicou Lima.

Almoçando no barraco em que vive, Roberto teme pela própria vida. “Medo de morrer queimado dormindo, de uma covardia, de um amigo me matar na rua. O que mais tem é briga, por causa do álcool e das drogas que deixam alterados”, confidencia.

Outro ponto da pesquisa indica que quase metade dos entrevistados têm entre 31 e 49 anos (47,2%), como é o caso de Roberto. “Do ponto de vista demográfico, é a idade mais produtiva da pessoa, está no auge profissional. Então, é preocupante esse cenário”, destacou Lima.

Também morando nas ruas da capital, Ornei dos Santos, 60 anos, não lembra há quanto tempo está em Brasília. “Eu bebi e a cachaça me derrubou. Fico sozinho aqui”, disse o idoso. Ele já viveu em Recife, trabalhava na construção civil e afirma

que não teme morrer nas ruas. “Medo de quê? Eu não tenho medo não”, garante.

Próximo passo

O próximo passo da Codeplan é entregar a parte qualitativa da pesquisa no segundo semestre. “Vai destrinchar mais as questões sobre as razões pelas quais as pessoas estão na rua, sobre as violências que elas sofrem. A gente vai entender um pouco do ponto de vista qualitativo”, adiantou o presidente do órgão. Segundo ele, a companhia junto ao governo local estuda a periodicidade desse estudo. “Não dá pra ficar dez anos de novo sem fazer a pesquisa. A gente não tem ainda a periodicidade, se vai ser bianual ou quadrianual. Importante é que, a partir desse estudo, a gente vai ter referência, vai poder desdobrar em outros estudos”, concluiu Lima.

Medo

De acordo com o levantamento, 40,7% dos entrevistados disseram sentir medo e insegurança